

O ocaso do esquerdismo

O Presidente da República declarou recentemente que nunca se sentiu confortável quando o tomavam como um esquerdista. Com efeito, seu governo nada tem de esquerdista e não é outro o motivo pelo qual o governo teve sucesso em debelar a ameaça de crise que se impôs, durante o período eleitoral, em boa medida por que se acreditava que tínhamos um governo esquerdista, heterodoxo ou de rupturas.

As declarações do Presidente são perfeitamente consistentes com a orientação da política econômica, e também com as escolhas para a agenda com o Legislativo. Por paradoxal que pareça, diante desta evidência, fica claro que este é um governo social democrata “light”, como o anterior, mas ainda em fase de definições, remoção de tecidos radicais e esclarecimentos.

A interação com o Parlamento na votação das reformas apenas reforça esta impressão, pois é a coalizão governista aí formada que vai, em última instância, dar personalidade ao governo. Na votação da reforma previdenciária o governo teve 358 votos, 80 dos quais (22%) do PT e 61 (17%) vindos dos partidos genuinamente de esquerda (PSB, PDT, PC do B, PPS e PV). O chamado “Centrão” (PMDB, PTB, PL, PP) forneceu vistosos 152 votos ou 42% do total e a oposição (PSDB e PFL) adicionou 62 votos, os mesmos 17% dados pelos esquerdistas “autênticos”.

Na votação da reforma tributária os números sobem para o PT, que agora fornece 87 votos, mas quase nada para os “autênticos”, que vão a 62. Como o governo conseguiu um total maior, 378, este bloco conseguiu os mesmos 39% do total nas votações das duas reformas. A mudança definidora ocorre com o aumento dos votos dados pelo “Centrão”, que chegam a 186, ou 49,2% do total, na reforma tributária. Este aumento mais que compensa a redução dos votos dados pela oposição, que diminui sua contribuição para 39 votos dos 62 anteriores.

O condomínio governista, portanto, tem o “Centrão” como sócio majoritário, tal como no governo passado, de modo que o esquerdismo parece condenado a um canto escuro do governo, ou ao desembarque, o que for mais consistente com a maior e imprescindível presença do “Centrão” no ministério.

Essas considerações são da maior importância quando o mercado está testando limites, seja para a queda dos juros, seja para a elevação nas bolsas, títulos da dívida externa e “Risco Brasil”. O movimento “virtuoso” que ocorreu das eleições até aqui tem sido espetacular: câmbio e juros para baixo, bolsa furando os 16 mil pontos, o “Risco Brasil” vindo de 2 mil para 700 pontos, tudo na direção correta. E todo esse movimento gerado pela percepção cada vez mais generalizada de que este não é um governo esquerdista.

No mercado as pessoas se perguntam se este movimento virtuoso já se esgotou ou se vamos ainda mais adiante. O “Risco Brasil” ainda está num nível muito alto, o mesmo onde andou no ápice da crise da Ásia. Pode perfeitamente chegar a 300 ou 200 pontos, e com isso a bolsa pode subir bem mais do que já subiu. Os investimentos diretos podem voltar e o dólar derreter, o que permitirá ao Banco Central recompor suas reservas e livrar-se do FMI.

Tudo isso pode ocorrer se o governo continuar no mesmo caminho e afastar-se mais e mais desse “esquerdismo” que, como agora sabemos com certeza, sempre incomodou o Presidente.

Para as agências de classificação de risco, atores fundamentais na definição do tamanho do “Risco Brasil”, houve uma descoberta fundamental, ainda longe de ser inteiramente confirmada e digerida, a de que a “esquerda” brasileira é como a européia. Se isto é verdade, as avaliações do “Risco Brasil” precisam ser drasticamente melhoradas para refletir o fato de que o Brasil é um país “de centro” onde oposição e situação tem mais ou menos as mesmas agendas e portanto a possibilidade de “rupturas” é remota.

Os mercados podem ser irracionais em muitas ocasiões, mas em outras exibem uma sabedoria estonteante, como no momento atual, onde vão fazendo o movimento virtuoso na exata proporção do afastamento do governo do “esquerdismo”, centavo por centímetro, bem devagarzinho.